

# FLORA, A MINHA AMIGA FLORA

**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Na adolescência eu tive uma amiga, a Flora.

O seu nome esverdeava a minha língua. Dizendo-o, o ar se pintava como se pintava, no mesmo momento, o hálito do ambiente em que a minha fonética afluava. Não sabia, na época, que Flora era um conceito biológico; uma classificação que, por necessidade de entendimento do mundo, dividia-o em plantas e animais. Gente e mama-cadela, por exemplo. Gente e jenipapo... ou amor e amora, sei lá! Flora, a minha amiga da adolescência, chegou antes da aula de biologia da professora Olga, em Trindade. Ela, a Flora humana, diferente da flora da professora Olga, era alva quase diáfana com pintinhas chamuscadas em todo o rosto. Por isso, poderia se chamar aquarela. Algo assim: “Aquarela Sampaio da Silva”.

Mas o seu nome de registro no cartório de Trindade era Flora, “Flora Sampaio da Silva”. Ademais, poderia a Flora ser pianista caso a origem não fosse a pobreza rural; poderia ser mochileira dos Andes; dançarina do Bolshoi; trapezista do circo do palhaço Peteleco; inclusive, atriz principal de uma versão de Brecht a uma peça medieval, ao modo de Ave Maria dos Morros. Sob o holofote, com a reverência do público, os aplausos coordenariam minutos e eternidades favoráveis ao show de Flora. Flora, a arte. Entretanto, Flora era apenas uma moradora de uma casa gravemente atingida pelo tempo, uma casa velha golpeada de um verde esmaecido e anêmico, que seus pais pagavam o aluguel barato. Protegida de muros adornados de cabaças tortas, a casa velha era propícia à simplicidade natural de Flora. Sentada no alpendre, distraída da vida, Flora encenava a existência exercendo o que, no interior, era comum: olhar quem passava na rua, perguntar em silêncio, que dores e alegrias, que segredos o passante ou a passante guardavam. Segredos, pensava Flora, todos possuem, inclusive o segredo de não saber o que se é. Ela, todos e todas, lançados nesse incrível redemoinho mágico/trágico/cômico chamado vida, era para mim também um segredo. Bastava contornar a minha casa e passar pela casa de Flora para o segredo ter um nome: singeleza. Agora, depois de tantos anos, apesar da singeleza de Flora, tenho um juízo resoluto: Flora era atriz do teatro Oficina de José Celso Martinez, ou fotógrafa do Cabaret de Piaf. Contudo, na real, na real mesmo, ela era apenas uma mocinha trabalhadora, filha de mãe doméstica

e pai pedreiro. Um exemplo da família de trabalhadores do Brasil. Muito cedo teve que trabalhar como empregada doméstica. A patroa, como outras patroas ricas, exigiu que sacrificasse a escola. Com dor disse sim, sacrificou definitivamente a escola com o seu sim cabisbaixo e humilhante. Era dizer “sim” ou sofreria o perigo aviltante do estômago lhe enchendo de culpa e medo. Tornou-se moça rapidamente entre louças, vassouras e panelas sujas. Aliás, num lusco-fusco em que a noite se despia lentamente para o dia sair de cena, Flora me contou que o seu querido avô morreu de picada de cobra quando colhia arroz na fazenda do Coronel Ferrão. Com riso e com certo ar de espanto disse-me que o seu avô nunca se acostumou com nenhum calçado. Viveu e morreu de pés descalços. A sua avó morreu nova por picada de barbeiro, vida toda tinha uma respiração ofegante e uma tosse embrulhada. A Doença de Chagas lhe brecou o tempo de amar Flora. Com os olhos em estado de farol e a voz de gengibre, Flora disse-me que do avô guardava duas lembranças: as mãos calosas com que lhe dava benção, e o cheiro de terra eternamente gravado em suas narinas afetivas; e da avó, a memória do gosto dos melhores biscoitos que havia comido chamados “mentira da panela”. Sentia falta de ambos e torcia para que o Coronel Ferrão se lascasse. De certo não havia palavras em sua boca feitas de rodilhas simétricas, mas sabia que o trabalho no latifúndio abreviava o tempo de vida das pessoas. Pois bem! Não sei o paradeiro de Flora. Não sei mesmo. O dono da casa de muros adornados de cabaças tortas, vendeu o imóvel – e lá se foi Flora, como se vão trabalhadores e trabalhadoras para um lugar, para outro lugar, para outro... Muito cedo, eu também saí. Fui para um lugar, para outro, para outro... ..

Flora se foi, sumiu com a sua luz impregnante, deixando apenas imagens acesas em minha memória. Imagens de cinema. Hoje interrogo: como poderia haver um nome tão digno para uma pessoa? Como um nome, a despeito da teoria da ilusão referencial interpretada por Antoine Compagnon (professor de literatura francesa no Collège de France), poderia ser tão proporcional? .....

**Nariz arrebitado, uma pintinha no cume da sobrancelha;  
as sobrancelhas negras levemente cerradas à direita,  
olhos de mel puro, pescoço longilíneo até a planta frondosa  
dos cabelos sedosos; um sorriso de flor, cariz de menina.**

**Um sorriso de floresta úmida.**

■ ■ ■